

**MENEXENO OU A ORAÇÃO FÚNEBRE  
(GÉNERO ÉTICO) DE PLATÃO  
(TRADUÇÃO DE JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO)**



[234a] Sócrates – De onde vens tu, Menexeno? Da praça?

Menexeno – Sim, Sócrates – da Câmara do Conselho, para ser preciso.

Sócrates – Que foste fazer à Câmara do Conselho? Já sei: julgas que chegaste ao fim na educação e na filosofia e sonhas em voltar-te para assuntos ainda mais elevados. Julgas estar já formado. Querido prodígio, embora jovem, propões-te governar-nos a nós, teus maiores [234b], para que a tua casa continue a proporcionar-nos alguém que vele constantemente pelos nossos interesses.

Menexeno – Sócrates, só com a tua permissão e aprovação ocuparei cargos públicos; senão não. Hoje, de facto, dirigi-me à Sala do Conselho porque soube que o Conselho vai escolher o orador para falar sobre os nossos mortos na guerra – pois, como sabes, vão organizar-se cerimónias fúnebres.

Sócrates – Sim, claro que sei. Mas quem escolheram?

Menexeno – Ninguém. A eleição foi adiada para amanhã. Mas na minha opinião serão Arquinos ou Dião os escolhidos.

[234c] Sócrates – De facto, Menexeno, morrer na guerra parece ser algo admirável, de muitos pontos de vista. Pois, mesmo quem morreu pobre obtém um funeral verdadeiramente magnífico e até quem é medíocre recebe um elogio público, pronunciado por homens hábeis, que não

**MENEXENO OU A ORAÇÃO FÚNEBRE  
(GÉNERO ÉTICO) DE PLATÃO  
(TRADUÇÃO DE JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO)**

improvisam o louvor, mas compõem discursos longamente preparados. Fazem um elogio de tal maneira esplêndido que enfeitiçam as nossas almas, apresentando sobre cada um, com os mais belos termos, tanto o que merecem como o que não merecem e celebram a nossa cidade de todas as maneiras, tanto os mortos que tombaram no campo de batalha como todos os nossos antepassados, aqueles que viveram outrora e nós que vivemos ainda. [235a] Fazem tais elogios, Menexeno, que me sinto mais nobre quando sou assim louvado. Cada vez que os ouço, fico quedo a escutá-los e deixo-me enfeitiçar, pois julgo logo ter-me tornado repentinamente um homem maior, mais nobre e mais belo! E estando acompanhado por alguns amigos estrangeiros, como vulgarmente acontece, que escutam estes discursos comigo, logo lhes inspiro mais admiração. [235b] Também eles sentem este mesmo efeito, ao que me parece, tanto perante mim como do resto da cidade. Deixam-se persuadir pelo orador e acreditam que a cidade é mais admirável do que julgavam antes. Este sentimento de dignidade dura em mim mais de três dias! [235c] As palavras e a voz vibrante do orador penetram nos meus ouvidos e ressoam tanto que só recupero no quarto ou quinto dia e só então me lembro de quem sou e onde me encontro. Entretanto por pouco que não me tomo por um habitante das Ilhas dos Bem-aventurados. Tal é a arte dos nossos oradores.

Menexeno – Ah, Sócrates, estás sempre a troçar dos oradores! Mas hoje, julgo que aquele que for escolhido não terá a tarefa facilitada, pois a escolha está a ser feita no último momento e, portanto, aquele a quem caberá falar será praticamente forçado a improvisar.

[235d] Sócrates – Que disparate, meu caro! Todos os retóricos dispõem de discursos já preparados, sem contar que não é difícil improvisar, pelo menos sobre assuntos deste género. Caso se tratasse de dizer bem dos Atenienses diante dos habitantes do Peloponeso, ou dos habitantes do Peloponeso diante dos Atenienses, então sim, sem dúvida, só um bom orador seria capaz de os persuadir e ganhar fama; mas falar bem quando se procura o aplauso justamente diante do público cujo elogio se pronuncia, não me parece grande feito.

Menexeno – Julgas que não, Sócrates?

Sócrates – Não, por Zeus, claro que não!

[235e] Menexeno – Julgas então que tu próprio serias capaz de discursar, se fosse preciso, e se o Conselho te escolhesse?

Sócrates – Sim, Menexeno, mesmo eu, não seria nada de espantar que fosse capaz. Acontece que tive por mestre uma mulher que está longe de ser medíocre em matéria de oratória. É a

**MENEXENO OU A ORAÇÃO FÚNEBRE  
(GÉNERO ÉTICO) DE PLATÃO  
(TRADUÇÃO DE JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO)**

mesma que formou uma multidão de excelentes oradores, entre os quais há um que se destaca entre todos os Gregos – Péricles, filho de Xantipa.

Menexeno – Quem é? Referes-te a Aspásia, obviamente...

[236a] Sócrates – Sim, com efeito. E além dela tive por mestre Conos, filho de Metróbio. Foram os meus dois mestres, este para a música, aquela para a oratória. Quando um homem recebe uma tal educação, não espanta que se torne um temível orador! Mas mesmo quem recebeu uma educação inferior à minha – mesmo um homem que tivesse Lampros por mestre de música, e Antifonte de Ramnonte por mestre de eloquência – seria capaz de ganhar nome louvando os Atenienses diante de Atenienses.

Menexeno – E que dirias, se tivesses que falar?

Sócrates – Eu mesmo, provavelmente nada... [236b] Mas justamente ontem ouvi Aspásia declamar até ao fim uma oração fúnebre sobre este mesmo assunto. Pois deve ter ouvido, como tu dizias, que os Atenienses se preparavam para escolher aquele que devia falar. Assim repetiu-me o que é preciso dizer, em parte segundo a sua inspiração do momento, noutra parte colando pedaços e fragmentos que já deve ter composto – se queres a minha opinião, na época em que compôs a oração fúnebre que Péricles pronunciou.

Menexeno – E consegues lembrar-te do que disse Aspásia?

[236c] Sócrates - Pois não? Aprendi dela própria e os meus esquecimentos por pouco não me valiam sovas!

Menexeno – Então porque não ensaiar o que ela disse?

Sócrates – Não quero que a minha mestre se zangue comigo por divulgar o seu discurso!

Menexeno – Não temas, Sócrates. Limita-te a recitar e dar-me-ás grande prazer, quer pronuncies o discurso de Aspásia, ou de quem quer que seja, desde que fales.

Sócrates – Temo que vás troçar de mim, se me vires, velho como sou, a participar nesses jogos como uma criança.

Menexeno – De modo nenhum, Sócrates. De uma maneira ou de outra, faz o discurso!

Sócrates – Bem, certamente que me sinto obrigado a proporcionar-te este prazer. [236d] É de tal modo assim que se me mandasses despir e dançar, o faria por ti – tanto mais que estamos sós! Pois bem, ouve-me então. Se me recordo bem, começava, julgo eu, o seu discurso com a menção

# **MENEXENO OU A ORAÇÃO FÚNEBRE (GÉNERO ÉTICO) DE PLATÃO (TRADUÇÃO DE JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO)**

dos próprios mortos, nos termos seguintes:

\*\*\*

"Há tributos com obras e com palavras. Quanto às obras, já prestámos a estes homens as honras devidas e tendo-as já recebido, eles fazem a sua inevitável viagem, num cortejo público em que a nossa cidade acompanha o cortejo privado das suas famílias. Quanto às palavras cabe-nos agora prestar a homenagem que ainda é devida a estes homens, como a lei e o dever ordenam! [236e] Pois, quando os actos são excelentes, é a beleza das palavras que exalta a memória e suscita a homenagem dos ouvintes aos seus autores. Falta, claro, palavras tais que possam exaltar os defuntos como merecem e exortar gentilmente os vivos, admoestando os seus filhos e os seus irmãos a imitar o valor destes homens e, ao mesmo tempo, consolar os seus pais, as suas mães e outros mais longínquos ascendentes ainda vivos.

[237a] Tais palavras, como fazê-las surgir? Por onde convém começar o elogio destes bravos homens, cujo valor fez em vida a alegria dos que os rodeavam, e que pagaram com a sua morte a salvação dos vivos? É apropriado, na minha opinião, seguir a ordem natural que os fez excelentes, e louvá-los dessa maneira. Se foram excelentes, é porque nasceram de excelentes pais. [237b] Celebremos pois, em primeiro lugar, o seu nobre nascimento; depois o modo como foram criados e educados; enfim como foram nobres as acções que realizaram e dignas do seu nascimento e educação.

O seu nobre nascimento tem origem no dos nossos antepassados. Estes não eram estrangeiros, nem descendentes de metecos, cujos antepassados não seriam mais que imigrantes, eram filhos da terra, habitando e vivendo numa pátria, alimentados não por uma terra madrastra como outros povos, mas pela própria terra que habitam como por uma mãe. [237c] Agora, repousam após a morte em lugares familiares, próximos da que os pôs no mundo, alimentou e acolheu no seu seio. Nada mais justo, certamente, que render a nossa primeira homenagem à nossa própria mãe – pois desta maneira o nobre nascimento desses homens é celebrada.

Ora, a nossa terra merece não só os nossos elogios, mas os da humanidade inteira. Há para isso diversos títulos, mas o primeiro pela sua nobreza e importância é que esta terra tem a boa sorte de ser amada pelos deuses. A querela e o juízo dos [237d] deuses que a disputaram vêm corroborar o que dizemos: pois se deuses fizeram o seu elogio, não é justo que receba os da humanidade inteira? [237d] Há, no entanto, uma segunda razão para lhe fazer um justificado elogio: nos tempos longínquos em que a terra inteira produzia e fazia crescer seres de toda a

## **MENEXENO OU A ORAÇÃO FÚNEBRE (GÉNERO ÉTICO) DE PLATÃO (TRADUÇÃO DE JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO)**

espécie, animais selvagens e domesticados, a nossa terra mostrou-se estéril e livre de bestas selvagens. Entre todos os animais, escolheu e gerou o ser humano, criatura que se destaca sobre as outras pela sua inteligência e a única a reconhecer a existência da justiça e dos deuses.

Eis agora uma prova de que esta terra serviu de berço aos antepassados destes mortos, que são também os nossos: [237e] os seres que deu à luz dispõem para a sua descendência de um alimento que lhe é apropriado. Pode assim ver-se claramente se a mãe deu à luz verdadeiramente ou não: não é mãe se não possui as fontes que devem alimentar o seu filho. Ora tal é justamente a prova suficiente que proporciona a nossa terra, que é também nossa mãe, de que gerou os seres humanos: foi a única nesse tempo e a primeira a trazer esse alimento muito humano que é o fruto do trigo e da cevada [238a], de que o género humano tira o seu melhor e mais belo alimento, porque realmente gerou esta criatura. Ora é da terra, mais que da mulher, que convém receber tais provas, pois não é a terra que imitou a mulher na concepção e na geração, mas a mulher que imitou a terra.

Em vez de monopolizar estes frutos, com ciúme, dispensou-os a outros também. Depois trouxe o azeite, o socorro das fadigas para os seus filhos. [238b] Quando os alimentou e os fez florescer até à juventude, trouxe os deuses para os governar e instruir. Mas convém nestas circunstâncias calar os seus nomes, pois sabemos quais são, de quem organizou a nossa existência, tanto quanto à vida quotidiana, ensinando-nos as artes antes dos outros homens, como à defesa do território, ensinando-nos a aquisição e o manejo das armas para a sua defesa.

Com o nascimento e a educação que descrevi, os antepassados destes mortos tinham organizado para si mesmos um certo regime político, sob o qual viviam, e que é bom recordar brevemente. [238c] O regime político molda os seres humanos, que são excelentes se este é admirável, maus no caso contrário. Que os homens foram outrora moldados por um regime admirável, eis o que devo mostrar: pois não são somente eles que lhe devem a sua excelência, mas também os homens de hoje – entre os quais se contam os defuntos que celebramos. De facto, era o mesmo regime que prevalecia então como hoje: uma aristocracia dos melhores, que ainda rege a nossa vida política, e assim se manteve, em geral, através de todas as eras, desde essa época longínqua. [238d] Alguns chamam-lhe democracia, outros com outro nome que lhes apraz, mas para dizer a verdade trata-se de uma aristocracia ou governo dos melhores com o consentimento do maior número. Reis, com efeito, tivemo-los sempre, primeiro, escolhidos pelo seu nascimento, depois, por eleição; mas a maior parte do poder cabe na nossa cidade ao maior número, que confia os cargos e o poder àqueles que em dado momento parecem distinguir-se

## **MENEXENO OU A ORAÇÃO FÚNEBRE (GÉNERO ÉTICO) DE PLATÃO (TRADUÇÃO DE JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO)**

pela excelência; e ninguém se viu excluído pela doença, pela pobreza ou por ter nascimento obscuros, nem honrado pelos motivos opostos, como noutras cidades. Não há senão uma regra: é aquele que parece sábio ou excelente detém o poder e governa.

[238e] Ora a base deste regime, que é o nosso, é a nossa igualdade de nascimento. As outras cidades formaram-se a partir de uma mistura de seres humanos de origens e condições desiguais, donde provêm as desigualdades nos seus regimes – sejam tiranias ou oligarquias. Alguns dos seus habitantes têm os outros como escravos e os restantes consideram os primeiros como senhores. [239a] Nós e os nossos concidadãos somos todos irmãos, nascidos da mesma mãe e não nos considerarmos escravos ou senhores uns dos outros; a igualdade do nosso nascimento segundo a natureza força-nos a buscar a igualdade dos nossos direitos segundo a lei, e a não reconhecer superioridade a nenhum outro, a menos que tenha reputação de excelente e sábio.

Eis porque os pais destes defuntos, que são também os nossos, tal como os próprios defuntos, criados em completa liberdade e bem-nascidos, se tornaram ilustres com tão admiráveis feitos diante de todo o género humano, tanto em público como em privado. Julgaram ser seu dever, em nome da liberdade, combater não só Gregos para defender os Gregos, mas também bárbaros para defesa da Grécia inteira. [239b] Falta-me o tempo para narrar adequadamente o modo como defenderam o seu país quando invadiram a nossa terra, Eumolpe, as Amazonas, ou outros ainda antes deles; o modo como se defenderam, ou como defenderam os de Argos contra os descendentes de Cadmos e os Heráclidas contra os de Argos. [239c] Já os poetas cantaram esplendidamente e deram a conhecer a todos o seu valor; se tentasse prestar a homenagem da nossa prosa a estes elevados feitos, não merecia senão o segundo lugar.

É melhor deixar de lado estes feitos, pois já receberam a merecida recompensa; mas quanto àqueles feitos gloriosos que ainda não fizeram a glória de nenhum poeta, aqueles que admitem ainda uma corte de pretendentes, desses devo evocar a memória, pronunciando o seu elogio e resgatá-los do olvido para que outros busquem, tanto em odes como nos outros géneros de poesia, um lugar que convenha à glória dos seus autores.

Entre os feitos de que falo, eis os primeiros: [239d] os Persas, que dominavam a Ásia e trabalhavam para sujeitar a Europa, foram detidos pelos filhos desta terra, nossos pais, cuja excelência é justo e necessário trazer em primeiro lugar à memória para fazer o seu elogio. Verdadeiramente, é preciso, se queremos que o seu elogio seja admirável, deixar-nos

**MENEXENO OU A ORAÇÃO FÚNEBRE  
(GÉNERO ÉTICO) DE PLATÃO  
(TRADUÇÃO DE JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO)**

transportar pelo discurso até esse tempo, em que toda a Ásia estava sujeita ao terceiro destes reis. O primeiro deles, Ciro, depois de ter libertado os Persas, tinha orgulhosamente feito escravos tanto os seus concidadãos como os seus senhores Medos [239e] e, depois, imposto o seu império ao resto da Ásia até ao Egipto. O seu filho tinha-o ainda aumentado com as regiões do Egipto e da Líbia que conseguiu invadir. O terceiro da linhagem, Dario, com o seu exército estendeu-o até à Cítia e com a sua frota dominou o mar e as ilhas, [240a] ao ponto de ninguém pensar poder fazer-lhe frente. Os espíritos de todos os homens estavam reduzidos à servidão, tão numerosas, poderosas e belicosas eram as nações sujeitas ao Império Persa.

Ora Dario acusou-nos, a nós e aos da Eritreia, de conspirar contra os Sardos e tomou este pretexto para enviar quinhentos mil homens em navios de carga e de guerra, numa frota de trezentas embarcações, sob as ordens de Datis, a quem encarregou de lhe levar os Atenienses e os Eritreus, se não queria perder a sua própria cabeça.

[240b] Datis, tendo-se feito à vela para a Eritreia, contra homens que estavam então na Grécia, entre os que mais reputação tinham pela sua disciplina militar e cujo número não era negligenciável. Submeteu-os em três dias e fez batidas em toda a sua terra, para que não escapasse nenhum. O que fez como se segue: chegados à fronteira da Eritreia, os seus soldados dispuseram-se de um mar ao outro, de mãos dadas, atravessando o território inteiro [240c] a fim de poder dizer ao Grande Rei que ninguém lhes tinha escapado.

Foi com a mesma disposição que deixou a Eritreia para desembarcar em Maratona, persuadido de que não teriam mais dificuldade em impor aos Atenienses o mesmo jugo que impôs aos Eritreus e levá-los prisioneiros também. Apesar destes dois empreendimentos, o primeiro bem-sucedido, e o segundo em vias de o ser, não se achou nenhum povo grego para ir em socorro nem da Eritreia, nem de Atenas – à excepção dos Lacedemónios, e mesmo estes não chegaram senão no dia seguinte à batalha. Todos os outros, assustados, se abstiveram de intervir, julgando-se em momentânea segurança.

[240d] Sim, se pudéssemos transportar-nos para esses tempos, saberíamos de que eram feitos aqueles que defrontaram as forças bárbaras em Maratona, castigando a sua insolência, e que foram os primeiros a levantar um troféu sobre os bárbaros. Tornaram-se assim para os outros guias e mestres que lhes mostraram que o poder persa não era invencível e que não há número, nem riqueza, que não ceda perante a excelência. [240e]. Assim, pela minha parte, declaro que estes homens são os pais, não somente das nossas pessoas mas da nossa liberdade, e de todos

## **MENEXENO OU A ORAÇÃO FÚNEBRE (GÉNERO ÉTICO) DE PLATÃO (TRADUÇÃO DE JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO)**

os homens deste continente: pois foi com olhos postos neste feito que os Gregos ousaram atrever-se às batalhas a que se entregaram em seguida pela sua liberdade, na escola dos combatentes de Maratona.

É pois a eles que este discurso deve entregar o primeiro prémio; quanto ao segundo, cabe aos de Salamina e de Artemísia, que deram batalha no mar e aí obtiveram a vitória. [241a] Destes homens, haveria sem dúvida muito a dizer, tanto sobre os assaltos de que tiveram que defender-se, como sobre a maneira como os repeliram. Mas eis que quero recordar um feito que é aos meus olhos o mais belo: que continuaram a obra de Maratona. Os combatentes de Maratona mostraram aos Gregos que em terra um pequeno exército podia repelir o ataque de uma multidão de bárbaros, [241b] mas não era ainda certo que uma frota fosse capaz do mesmo e os Persas passavam por ser invencíveis no mar pelo seu número, a sua riqueza, a sua ciência, o seu vigor. Os homens que travaram nesse tempo estas batalhas navais são dignos de elogio por ter libertado os Gregos desse segundo objecto de terror e posto enfim termo ao receio de tantas navas e tantos homens. [241c] Sim, é tanto a uns como a outros, aos heróis de Maratona em terra, e às frotas de Salamina no mar, que os outros Gregos devem a sua elevação, pois esses combatentes, sobre a terra e sobre o mar, ensinaram-nos e habituaram-nos a não temer os bárbaros.

Enfim, em terceiro lugar pelo número e pela excelência, afirmo que é preciso contar os feitos de Plateia entre os que asseguraram a salvação da Grécia, comuns desta vez aos Lacedemónios e aos Atenienses. A mais pesada e a mais temível ameaça, foi repelida por todos juntos, e a sua excelência ganhou-lhes os nossos elogios, hoje, e para o futuro os elogios da posteridade. [241d]

No entanto muitos Gregos ficaram ainda sujeitos aos bárbaros, e dizia-se que o próprio Rei sonhava com um novo empreendimento contra a Grécia. Também é justo, portanto, que evoquemos a memória daqueles que prosseguiram os feitos dos seus predecessores e garantiram a nossa salvação ao purificar e desembaraçar o mar de qualquer influência bárbara: quero dizer, os marinheiros que combateram em Eurimedão, [241e] os soldados da campanha contra Chipre, aqueles que velejaram contra o Egipto e muitas outras regiões. É preciso lembrá-los e saber agradecer-lhes terem levado o Rei a temer pela sua salvação em vez de se ocupar de conspirar para a ruína dos Gregos.

[242a] Assim, esta guerra contra os bárbaros foi levada a cabo por toda a cidade para sua defesa e dos outros povos da mesma língua. Mas uma vez a paz concluída, quando a nossa cidade estava em glória, acabou por atrair sentimentos que o sucesso normalmente inspira aos homens:



## **MENEXENO OU A ORAÇÃO FÚNEBRE (GÉNERO ÉTICO) DE PLATÃO (TRADUÇÃO DE JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO)**

em primeiro lugar a inveja, depois da inveja a má vontade; foi assim que a nossa cidade, contra a sua vontade, voltou a achar-se em guerra contra outros Gregos. Quando se desencadeou a guerra, o combate foi travado em Tanagra contra os Lacedemónios, pela liberdade dos Beócios, [242b] combate duvidoso mas que foi decidido pelo feito seguinte: os Lacedemónios retiraram-se abandonando aqueles que socorriam, enquanto os nossos, no terceiro dia, alcançaram a vitória em Enofita e fizeram prevalecer a justiça, fazendo regressar do exílio aqueles que tinham sido banidos injustamente. Sim, estes foram os primeiros, depois das Guerras Persas a avançar contra outros Gregos em socorro da liberdade grega. [242c] E porque tinham provado a sua bravura e levado a liberdade àqueles que socorriam, eles foram os primeiros a obter da cidade a honra de ser depositos neste monumento.

Depois, quando uma Grande Guerra se desencadeou e todos os Gregos vieram invadir e devastar a nossa terra, dando lamentável testemunho do seu reconhecimento à nossa cidade, os nossos, depois de ter vencido no mar e capturado os seus chefes Lacedemónios em Esfacteria, pouparam-nos e restituíram os seus cativos quando podiam tê-los executado, concluindo a paz. [242d] Pensavam eles que, contra os povos da mesma raça, a guerra não deve durar senão até à vitória, sem que a cólera que é própria da cidade provoque a perda comum dos Gregos, ao passo que contra os bárbaros deve ir até à sua destruição. Verdadeiramente merecem os nossos elogios, esses homens que depois de terem combatido aqui repousam, por terem provado a quem pretendia que outros excederam os Atenienses em excelência na guerra anterior contra os bárbaros, que tal não era verdade. [242e] Demonstraram nessa ocasião a sua superioridade vencendo, numa guerra levada a cabo contra eles, e fazendo prisioneiros aqueles que tinham o primeiro lugar entre os outros Gregos, obtendo com as suas próprias forças a vitória sobre os seus aliados de outrora na comum vitória sobre os bárbaros.

Uma terceira guerra se desencadeou depois da conclusão desta paz, guerra tão inesperada quanto terrível, no decurso da qual muitos excelentes combatentes sucumbiram antes de virem também aqui repousar. [243a] Para muitos não foi sem terem erguido na Sicília uma multidão de troféus, lutando pela liberdade dos Leontinos, em socorro dos quais, fiéis ao seu juramento, tinham embarcado para uma terra longínqua. A duração da travessia criou dificuldades à nossa cidade, dificuldades que esta não pôde ultrapassar para os apoiar, vendo-se forçada assim a desistir e sofrer sorte adversa. Mas os seus inimigos, apesar de combaterem no lado oposto, têm mais elogios a fazer pela sua moderação e excelência do que outros recebem dos amigos. Muitos caíram no decurso dos combates navais do Helesponto depois de, num só dia, [243b]

**MENEXENO OU A ORAÇÃO FÚNEBRE  
(GÉNERO ÉTICO) DE PLATÃO  
(TRADUÇÃO DE JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO)**

capturarem todas as naves inimigas e em muitos outros lugares saírem vitoriosos.

Quando falei da maneira tão terrível quanto inesperada como a guerra foi desencadeada queria referir-me aos outros Gregos que experimentavam face à nossa cidade uma animosidade tão forte ao ponto de ousarem enviar embaixadas ao nosso pior inimigo, o Grande Rei, que tinham expulsado num esforço comum – para o trazer ao serviço dos seus interesses privados, ele, um bárbaro contra Gregos! – e feito uma coligação de forças gregas e bárbaras contra a nossa cidade.

[243c] A força e a excelência da nossa cidade brilharam. Quando julgavam já a derrota consumada, quando a frota ficou bloqueada em Mitilene, os nossos cidadãos, enviaram em seu socorro sessenta trirremes nos quais embarcaram. Provaram por reconhecimento unânime a sua viril excelência alcançado a vitória sobre o inimigo, libertando os seus amigos, mas sofreram um indigno golpe de má sorte que não permitiu que os seus corpos fossem recolhidos no mar e viessem aqui repousar. Que a nossa memória e os nossos elogios permaneçam, pois à sua excelência devemos a vitória, não só nessa batalha naval mas em toda a restante guerra [243d]. Foi graças a eles que a cidade ganhou a reputação de jamais poder ser derrotada, mesmo pela humanidade inteira – reputação que se verificou ter fundamento. Foi aos nossos diferendos internos que devemos os reveses e não à força dos outros, pois continuamos hoje invictos face aos nossos adversários, visto que fomos nós que, contra nós mesmos, fomos vencedores e vencidos!

[243e] Quando a tranquilidade regressou e a paz foi concluída com os nossos vizinhos, a guerra nasceu na nossa própria cidade de uma maneira tal que se as discórdias civis fossem a sorte fatal da humanidade, ninguém faria preces para que a sua cidade sofresse doutro modo. Tanto do lado do Pireu como da cidade, os cidadãos misturaram-se uns com os outros com cordial familiaridade – contra toda as expectativas dos outros Gregos! E a guerra contra os de Elêusis, com que moderação foi conduzida!

[244a] Nada isso tem outra causa senão o nosso verdadeiro parentesco, que garante não com palavras mas com obras uma firme amizade entre gentes que compartilham o mesmo sangue. Também temos que guardar memória destes e reconciliar os que caíram nesta guerra, sob golpes recíprocos, em cerimónias como as de hoje, com orações e sacrifícios em honra dos que sobre eles têm poder, uma vez que nós próprios também estamos reconciliados. Não foi, com efeito, a sua má natureza nem o ódio que os fez erguer uns contra outros, mas uma sorte

## **MENEXENO OU A ORAÇÃO FÚNEBRE (GÉNERO ÉTICO) DE PLATÃO (TRADUÇÃO DE JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO)**

contrária. [244b] Nós, os vivos, testemunhamos em sua defesa: pois pelo nascimento somos da mesma raça e mutuamente recebemos e concedemos perdão pelo que fizemos e pelo que sofremos.

Quando a paz regressou completamente, a tranquilidade reinou na nossa cidade. Perdoou-se aos bárbaros, que tinham provocado muito mal e sofrido muito mal, mas permaneceu a indignação com os Gregos, que tinham pago o reconhecimento pelas suas boas acções fazendo causa comum com os bárbaros, [244c] desarmando a frota que antes os tinha salvado e destruindo as ameias que tínhamos deixado arruinar para impedir a queda das suas. A cidade decidiu-se a não mais defender os Gregos da escravatura, nem contra si próprios nem contra os bárbaros e manteve este estado de espírito. Mantendo esta decisão, os Lacedemónios acreditaram que estávamos abatidos, nós os campeões da liberdade, e que lhes bastava doravante sujeitar outros Gregos – o que tentaram empreender. [244d]

Porquê alongar-me mais nesta história? Os eventos posteriores que teria a narrar não são antigos e dizem-nos respeito: lembramo-nos com que terror os primeiros entre os Gregos, os de Argos, Beócios e Coríntios, vieram pedir o apoio da nossa cidade e como, maravilha sem igual, o próprio Rei se viu tão atrapalhado que a inversão da situação não lhe deixou outro caminho de salvação senão o recurso a esta cidade cuja destruição buscava ardentemente.

[244e] Com efeito, quem quiser, com justificação, censurar a nossa cidade, a única acusação com fundamento seria que está sempre demasiado inclinada à compaixão e demasiado disposta a colocar-se ao serviço dos mais fracos. Nesta ocasião foi incapaz de se mostrar firme e manter a resolução de não salvar da escravatura aqueles que com ela tinham sido injustos. [245a] Pelo contrário, deixou-se comover e foi resgatá-los; aos Gregos socorrendo-os ela própria e libertando-os da escravatura, de modo que foram livres até ao dia em que se escravizaram a si mesmos de novo; ao Rei, se ela recusou levar-lhe socorro, por respeito aos troféus de Maratona, Salamina e Plateia, autorizou exilados e voluntários a socorrê-lo, assegurando, como é reconhecido, a sua salvação. E depois de ter elevado ameias e armado uma frota, aceitou a guerra quando a tal foi forçada [245b], combateu os Lacedemónios em defesa dos Pários.

Quando viu os Lacedemónios renunciar à guerra marítima, o Grande Rei, temendo a nossa cidade, quis afastar-se e por isso reclamou os Gregos do continente que os Lacedemónios lhe tinham antes entregues, como preço da sua aliança conosco e com os outros aliados. Esperava uma recusa que teria servido de pretexto ao seu afastamento. [245c] Os outros aliados

## **MENEXENO OU A ORAÇÃO FÚNEBRE (GÉNERO ÉTICO) DE PLATÃO (TRADUÇÃO DE JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO)**

defraudaram a sua expectativa: consentiram tanto os Coríntios como os de Argos, os Beócios e os outros aliados, desde que lhes pagasse, comprometendo-se e jurando que lhe entregariam os Gregos do continente; nós fomos os únicos a não os trair e a não prestar esse juramento. A nobreza e a liberalidade da nossa cidade são tão sólidas como sãs e naturalmente inimigas do bárbaro, pelo facto de sermos Gregos puros e sem mistura de sangue bárbaro! [245d] Povos que são bárbaros por natureza e Gregos pela lei – descendentes de Pelópios, Cádmius, Egípcios, Daneses e muitos outros – não habitam entre nós: Só nós a constituímos, como verdadeiros Gregos, sem mistura de bárbaros, donde a pureza do ódio que penetra a nossa cidade em relação ao estrangeiro natural.

Mas, como quer que seja, ficámos de novo isolados por nos termos recusado a cometer um acto tão vergonhoso como ímpio, entregando Gregos a bárbaros. [245e] Encontrámo-nos pois na mesma situação que outrora tinha provocado a nossa derrota, mas com ajuda divina conduzimos melhor a guerra: conservámos a nossa frota, as nossas ameias e as nossas colónias quando pusemos termo à guerra e os nossos adversários ficaram igualmente felizes por lhe pôr fim. Perdemos, contudo, excelentes homens no decurso desta guerra, vítimas do terreno desfavorável em Corinto e da traição de Lecum. [246a] Foram também excelentes os que libertaram o grande Rei e baniram do mar os Lacedemónios. Pela minha parte, lembro-vos estes homens: a vós cabe unir os vossos elogios ao meu e prestar-lhes homenagem.

Tais são os feitos destes homens, tanto aqueles que aqui jazem, como todos os outros que morreram pela cidade."

Numerosas e admiráveis são as proezas que relatei, mas mais numerosas ainda e mais admiráveis são aquelas que ficam por contar; pois não bastariam muitos dias e noites a quem quisesse completar a narrativa. [246b] Em sua memória devemos lembrar os caídos na batalha e encorajar os seus descendentes, como na guerra, a não abandonar o posto dos nossos antepassados e a não recuar, cedendo à cobardia. Também eu presentemente vos encorajo, onde quer que vos encontre, a vós, filhos de homens bravos, e no futuro vos recordarei e exortarei a serem tão excelentes [246c] como se pode ser.

Mas por agora, é justo que diga o que os pais nos intimavam a relatar àqueles que deixavam atrás de si, na hora do perigo iminente, caso lhes sucedesse alguma infelicidade. Vou-vos relatar o que ouvi das suas próprias bocas e que eles próprios gostariam de vos dizer se o pudessem – julgando pelo que diziam então. Importa no entanto que penseis estar a ouvir das suas próprias

# **MENEXENO OU A ORAÇÃO FÚNEBRE (GÉNERO ÉTICO) DE PLATÃO (TRADUÇÃO DE JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO)**

bocas o que vou relatar. Eis o que diziam:

[246d] "Filhos, o momento presente proclama que os vossos pais foram bravos. Pois podendo viver ignobilmente escolheram antes morrer nobremente do que cobrir-vos de infâmia, a vós e aos vossos descendentes, envergonhando os nossos pais e toda a raça dos nossos antepassados. Consideramos que a vida daqueles que envergonham os seus não vale a pena ser vivida e que tal indivíduo nem entre os homens nem entre os deuses encontra amizade, nem sobre a terra, nem depois da sua morte, sob a terra.

Também vós deveis recordar as nossas palavras, e o que quer que façais, [246e] acompanhá-lo com excelência, pois sem isso, sabeis bem, não há nenhuma riqueza, nem nenhum modo de vida que não seja vergonhoso e vil. Pois a riqueza não confere nobreza ao seu possuidor, se é covarde – a riqueza de um tal indivíduo pertence a outros, não a si mesmo. A beleza e o vigor do corpo num ser covarde e vil não são vantagens mas inconvenientes, pois realçam [247a] ainda mais os seus dotes e tornam mais visível a sua cobardia. Enfim, todo o saber sem justiça ou outra excelência revela ser apenas astúcia e não sabedoria.

Por estas razões, tanto no começo como no fim e em todos os instantes, em qualquer circunstância, com todo o vosso ardor, esforçai-vos por exceder em glória não só a nós mas aos nossos antepassados. Sabei que se vos ganhemos em excelência, a vitória é para nós vergonha melhor meio seria não abusar do nome dos vossos antepassados e não dissipar a sua reputação, convencidos de que para um homem que se preza nada é mais vergonhoso que gozar de uma honra que não deve senão à reputação dos antepassados. As honras dos pais são um magnífico tesouro para os seus descendentes; mas usar de tal tesouro e tais honras e não os transmitir por sua vez aos descendentes é vergonhoso e indigno de um homem e trai a falta de bens próprios e de títulos de glória pessoais. [247c] Se viveis estes preceitos juntar-vos-eis a nós como amigos que encontram outros amigos, quando aqui vos conduzir o destino que vos espera; mas se negligenciando-os vos tornais vis, ninguém vos acolherá com benevolência."

Para os nossos filhos estas palavras bastam.

Quanto aos pais e mães, que nos sobrevivem é preciso, com incessantes exortações, encorajá-los a suportar o facto, se este se der, da melhor maneira, em vez de gemer com eles, pois não haverá necessidade de juntar-se aos seus lamentos: este golpe de má sorte será suficiente.

**MENEXENO OU A ORAÇÃO FÚNEBRE  
(GÉNERO ÉTICO) DE PLATÃO  
(TRADUÇÃO DE JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO)**

[247d]

"Pelo contrário devemos sarar as suas feridas e apaziguar o seu luto relembrando que os deuses fizeram ouvidos atentos aos seus maiores desejos. Pois não foi a imortalidade que tinham desejado aos seus filhos, mas a excelência e a glória, que obtiveram e que são os maiores bens. Não é coisa fácil para um mortal ver acontecer tudo como é seu agrado.

Suportando a infelicidade como homens, passarão verdadeiramente como pais de filhos que foram bravos como eles mesmos são [247e]; se sucumbem à dor, pelo contrário, uma suspeita se levantará, ora de que não são nossos pais, ora de que se enganam aqueles que fazem o nosso elogio. É preciso evitar tanto uma como outra coisa. Cabe-lhes sobretudo a eles, fazer o nosso elogio com as suas acções, tornando manifesto que são verdadeiramente homens, e pais de verdadeiros homens.

De facto, 'nada em excesso', é desde há muito um belo adágio; verdadeiramente bem dito. Com efeito, o homem para quem tudo o que conduz à felicidade ou o aproxima dela depende de si mesmo é aquele que tomou as mais excelentes disposições para a sua vida, sem estar suspenso dos sucessos ou reveses de outros que o condenariam à incerteza. [248a] Faz prova de temperança, de coragem, de prudência; seja porque lhes chegam posses ou filhos, seja porque as perde, e submete-se ao adágio: 'Não manifestar, nem demasiada alegria, nem demasiada tristeza', para não depender de ninguém senão de si mesmo.

[248b] Assim devem ser os nossos pais, assim o esperamos, assim o desejamos, assim o afirmamos. Assim também hoje nos mostramos – sem demasiada indignação, nem demasiado temor, se chegou a hora da nossa morte. Pedimos aos nossos pais e às nossas mães que permaneçam o resto das suas vidas neste mesmo estado de espírito. Queremos que saibam que não são os seus lamentos, nem os seus gemidos que nos agradam, mas pelo contrário, se aos mortos sobra algum sentimento em relação aos vivos, o que mais nos desagradaria é que se ferissem e suportassem o acontecimento com coração pesado.

[248c] Agradar-nos-ia mais que o suportassem com coração leve e com moderação. Pois o tempo da nossa existência chega ao seu fim, que é o momento mais admirável para a humanidade, pelo que as homenagens são mais próprias que os lamentos. É tomando cuidado das nossas mulheres e dos nossos filhos, preocupando-se em alimentá-los e ocupando assim os seus pensamentos que melhor esquecerão este golpe de sorte e serão

## **MENEXENO OU A ORAÇÃO FÚNEBRE (GÉNERO ÉTICO) DE PLATÃO (TRADUÇÃO DE JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO)**

capazes de viver mais nobremente, mais rectamente e mais em harmonia com os nossos desejos." [248d]

Para os nossos pais, esta mensagem da nossa parte basta.

Quanto à cidade, recomendaríamos sem dúvida cuidar em nosso nome dos nossos pais e dos nossos filhos, assegurando a uns uma educação conveniente, uma alimentação honrosa à velhice dos outros, se não soubéssemos que mesmo sem as nossas recomendações estes cuidados serão adequadamente providos."

Eis pois, filhos e pais dos nossos defuntos, o que estes me intimam a relatar e que vos relato com todo o coração. [248e]

"Da minha parte, reclamo aos primeiros, imitar os seus pais, aos segundos que nada temam eles próprios pois, tanto a título privado tanto como público, vamos alimentar-vos na vossa velhice e cuidar de vós onde quer que um de nós se cruze com um dos seus parentes. Vós mesmos sabeis sem dúvida quais são os cuidados demonstrados pela cidade: depois de ter fixado leis relativas às famílias dos homens caídos na guerra, cuida dos seus filhos e progenitores. [249a] Entre os cidadãos, cabe à principal magistratura velar para que os vossos pais e mães não sofram injustiça e a própria cidade contribui para alimentar os vossos filhos, ansiosa por ocultar-lhes tanto quanto possível a sua condição de órfãos. Assume ela mesma o papel de pai e mãe quando ainda são crianças e, uma vez que chegam à maturidade, devolve-lhes a posse dos seus bens, depois de lhes oferecer em homenagem uma armadura completa, a fim de lhes mostrar e lembrar os feitos alcançados pelos pais, ao dar-lhes os instrumentos da excelência paterna, ao mesmo tempo que o direito, a título de bom augúrio, [249b] de voltar pela primeira vez ao lar paterno, onde devem exercer a sua autoridade revestida de poder, levando as armas que lhes foram dadas em homenagem.

Aos próprios mortos a cidade nunca cessa de prestar-lhes honras: em cada ano cumpre para todos a título colectivo os ritos habituais que cada um observa a título privado, e organiza além dos concursos gímnicos e hípicas também concursos musicais de todos os géneros. Numa palavra, serve os mortos como herdeira e filha, aos filhos como pai, [249c] aos pais como tutor, encarregando-se, por todos, de todos os cuidados, perpetuamente.

Com isto em mente, é preciso suportar o acontecimento com coração tranquilo, pois assim sereis mais caros aos defuntos e aos vivos e será mais fácil dar e receber conforto.

# MENEXENO OU A ORAÇÃO FÚNEBRE (GÉNERO ÉTICO) DE PLATÃO (TRADUÇÃO DE JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO)

Agora sigam o vosso caminho, vós e todos os outros, depois de elevar os lamentos pelos mortos, como quer a lei."

\*\*\*

[249d] Sócrates – Eis pois, Menexeno, o discurso de Aspásia de Mileto.

Menexeno – Por Zeus, Sócrates, Aspásia é feliz se, ao que dizes, não sendo senão uma mulher consegue compor discursos semelhantes!

Sócrates – Mas se duvidas, vem comigo e ouve-a falar a ela própria.

Menexeno – No que me diz respeito, Sócrates, já com frequência falei com Aspásia e sei como é.

Sócrates – Bem, e não a admiras? Não lhe estás reconhecido pelo seu discurso?

Menexeno – Sim, Sócrates, muito reconhecido até por este discurso, a ela ou a quem to recitou; [249e] e estou também reconhecido àquele que mo relatou, por outros motivos!

Sócrates – Muito bem. Mas não me denuncies para que possa continuar no futuro a relatar-te ainda outros belos discursos políticos seus!

Menexeno – Não temas. Não te denunciarei. Mas deixa-me ouvi-los.

Sócrates – Sim, com certeza.

